

## O NEOLIBERALISMO E A BUSCA DE UMA CIÊNCIA CRÍTICA

CARVALHO, Laura N.  
(UERJ/UFF)

Palavras-Chaves: Neoliberalismo, Dominação, Dialética.

### RESUMO

Para Harvey, o neoliberalismo é “(...) uma teoria das práticas político-econômicas que propõe que o bem-estar humano pode ser melhor promovido liberando-se as liberdades e capacidades empreendedoras individuais” ( 2005, p.12). Tal pensamento neoliberal alastrou-se a partir da década de 1970, levando quase todos os Estados do mundo a adotarem alguma política ou prática neoliberal, como desregulações, privatização e a retirada do Estado de muitas áreas do bem-estar social. “[A] neoliberalização (...) envolveu muita destruição criativa, não somente dos antigos poderes e estruturas institucionais, mas também [...], **dos modos de vida e de pensamento**, das atividades reprodutivas, das formas de ligação à terra e dos hábitos do coração” (HARVEY, p.13).

A dominação de uma classe por outra envolveu a necessidade de fazer prevalecer o pensamento dominante. Por possuir, além dos meios de produção material os meios de produção espiritual, logram determinar todo o conteúdo de uma época histórica. Para transformar o modo de pensamento neoliberal no dominante foi necessário propor um aparato conceitual que mobilizasse “sensações e instintos”, valores e desejos, assim como as possibilidades inerentes ao mundo social. Necessitou-se conquistar o consentimento geral, construído com base em práticas de longa data de socialização cultural, gerando um senso comum.

A força do processo ideológico de dominação residiu no “ataque” às principais instituições – universidade, escola, meios de comunicação, mercados editoriais e cortes de justiça – a fim de mudar a maneira como as pessoas pensavam “sobre corporações, o direito, a cultura. Assim, as agências nacionais de pesquisas nos EUA e as pesquisas acadêmicas (e.g. Universidade de Chicago e Milton Friedman) passaram a ser financiadas por empresas líderes no mercado; e os empresários voltaram seu interesse para investimentos em tecnologias de informação e promoção de tecnologias, ou seja,

nas universidades. Desta maneira, os defensores da proposta neoliberal conseguiram ocupar posições de considerável influência no campo da educação (as universidades) <sup>1</sup>.

Esta visão é compartilhada por Santos (2005) que afirma que a ciência, e em particular, as ciências sociais, assumiu a posição de condição legitimadora da ideologia. Este autor analisa com pesar as transformações sofridas nas universidades, destacando a interferência do Banco Mundial. Estas análises interpretam o papel da ciência como legitimador da dominação de uma classe por outra. Colocam-se em dúvida questões como a neutralidade axiológica das pesquisas produzidas acerca dos efeitos das políticas neoliberais no mundo. Afinal, uma ciência neutra é possível?

Para se pensar essa questão, busca-se em Gramsci um referencial teórico. O autor afirmou que todos os sujeitos por pertencerem a algum grupo, com elementos sociais compartilhados, também compartilham uma “concepção de mundo”. Neste sentido, se temos uma universidade formada por indivíduos saídos de classes sociais abastadas teremos uma “concepção de mundo” muito parecida dentro desta instituição.

Mas isto não deve afetar o processo reflexivo crítico. O cientista deve ter consciência do que a sua concepção de mundo é fruto do processo histórico até hoje desenvolvido. Gramsci asseverou que havendo uma crítica coerente, tornando-a unitária e elevando-a até o ponto atingido pelo pensamento mundial mais evoluído, será possível “(...) elaborar a própria concepção de mundo de uma maneira consciente e crítica”. (GRAMSCI, 1999, p. 90)

Neste trabalho busca-se analisar as idéias da ciência legitimadora da dominação ideológica e o seu argumento contrario, calcado em Gramsci, de uma ciência que pode ser neutra, crítica e contribuir para a práxis.

## **INTRODUÇÃO.**

### **O neoliberalismo é**

(...) uma teoria das práticas político-econômicas que propõe que o bem-estar humano pode ser melhor promovido liberando-se as liberdades e capacidades empreendedoras individuais no âmbito de uma estrutura institucional caracterizadas por sólidos direitos a propriedade privada, livres mercados e livre comércio. O papel do Estado é criar e preservar uma estrutura institucional apropriada a essas práticas, o Estado tem de garantir, por exemplo, a qualidade e a integridade do dinheiro. Deve também estabelecer

---

<sup>11</sup> Harvey cita também “nos meios de comunicação, em conselhos de administração de corporações e instituições financeiras, em instituições internacionais como o Fundo Monetário Nacional, o Banco Mundial e a Organização Mundial de Comércio, que regulam finanças e o comércio mundial.”

as estruturas e funções militares, de defesa, da polícia e legais requeridas para garantir direito de propriedade individuais e para assegurar, se necessário, pela força, o funcionamento adequando dos mercados. ( HARVEY, 2005, p.12)

Tal ideologia alastrou-se a partir da década de 1970, levando quase todos os Estados do mundo a adotarem alguma política ou prática neoliberal, como desregulações, privatização e a retirada do Estado de muitas áreas do bem-estar social.

## **PROCESSO HISTÓRICO DO NEOLIBERALISMO**

Segundo Anderson, o neoliberalismo foi um fenômeno distinto do simples liberalismo clássico, do século passado. Nasceu logo depois da II Guerra Mundial, na região da Europa e da América do Norte onde imperava o capitalismo. Seu texto de origem é O Caminho da Servidão, de Friedrich Hayek, escrito já em 1944. A mensagem de Hayek é drástica: "Apesar de suas boas intenções, a socialdemocracia moderada inglesa conduz ao mesmo desastre que o nazismo alemão – uma servidão moderna".

Inúmeros intelectuais compartilhavam da orientação de Hayek e foram convidados por ele a formarem a Sociedade de Mont Pèlerin. Foram eles Milton Friedman, Karl Popper, Lionel Robbins, Ludwig Von Mises, Walter Eupken, Walter Lipman, Michael Polanyi, Salvador de Madariaga, entre outros. O propósito era “combater o keynesianismo e o solidarismo reinantes e preparar as bases de um outro tipo de capitalismo, duro e livre de regras para o Futuro”. Desafiando o consenso oficial da época, eles argumentavam que “a desigualdade era um valor positivo – na realidade imprescindível em si –, pois disso precisavam as sociedades ocidentais”.

Quando em 1973 ocorre uma grande crise do modelo econômico levando o mundo capitalista avançado a uma longa e profunda recessão, que combinava, pela primeira vez, baixas taxas de crescimento com altas taxas de inflação, mudou tudo. A partir daí as idéias neoliberais passaram a ganhar terreno. As raízes da crise, afirmavam Hayek e seus companheiros, estavam localizadas no

“poder excessivo e nefasto dos sindicatos e, de maneira mais geral, do movimento operário, que havia corroído as bases de acumulação capitalista com suas pressões reivindicativas sobre os salários e com sua pressão parasitária para que o Estado aumentasse cada vez mais os gastos sociais. O remédio, então, era claro: manter um Estado forte, sim, em sua capacidade de romper o poder dos sindicatos e no controle do dinheiro, mas parco em todos os gastos sociais e nas intervenções econômicas. A estabilidade monetária deveria ser a meta suprema de qualquer governo. Para isso seria necessária uma disciplina orçamentária, com a contenção dos gastos com bem-estar, e a

restauração da taxa "natural" de desemprego, ou seja, a criação de um exército de reserva de trabalho para quebrar os sindicatos”.

Mas Anderson reconhece que a hegemonia o programa neoliberal não se realizou do dia para a noite. Levou mais ou menos uma década. Somente ao final da década, em 1979, surgiu a grande oportunidade de triunfo do neoliberalismo. Na Inglaterra, foi eleito o governo Thatcher, o primeiro regime de um país de capitalismo avançado publicamente empenhado em pôr em prática o programa neoliberal.

Este regime, no poder de forma democrática, demonstrou que para que houvesse a hegemonia do neoliberalismo, era necessário o apoio popular, manifestado pelo amplo consentimento político da população.

Mas, para Harvey, a transformação do modo de pensamento neoliberal no dominante exigiu a criação de um aparato conceitual que mobilizasse “sensações e instintos”, valores e desejos, assim como as possibilidades inerentes ao mundo social. Necessitou-se conquistar o consentimento geral, construído com base em práticas de longa data de socialização cultural, gerando um senso comum.

## **IDEOLOGIA NEOLIBERAL**

Para Anderson, economicamente, o neoliberalismo fracassou, não conseguindo nenhuma revitalização básica do capitalismo avançado. Socialmente, ao contrário, o neoliberalismo alcançou muitos dos seus objetivos, criando sociedades marcadamente mais desiguais, embora não tão desestatizadas como queria. Política e ideologicamente, todavia, o neoliberalismo alcançou êxito num grau com o qual seus fundadores provavelmente jamais sonham, disseminando a simples idéia de que não há alternativas para os seus princípios, que todos, seja confessando ou negando, têm de adaptar-se a suas normas.

Segundo Harvey a disseminação das idéias neoliberais ocorreu da seguinte forma: valores tradicionais e culturais (como a liberdade ou a crença em Deus ou em um país) e temores (como o medo do socialismo) foram usados para escamotear outras realidades. Esse sentido sustentado em comum pela sociedade ganhou força nos protestos do final da década de 60. Estudantes buscando a livre expressão reivindicavam sua liberdade. As lutas pela liberdade individual fragmentaram a luta pela justiça social, ganharam força idéias como do multiculturalismo ou amplo acesso ao consumo e enfraquecendo as lutas sociais contra a desigualdade e a miséria.

“[a] neoliberalização (...) envolveu muita destruição criativa, não somente dos antigos poderes e estruturas institucionais, mas também das divisões do trabalho, das relações sociais, da promoção do bem-estar social, das combinações de tecnologias, **dos modos de vida e de pensamento**, das atividades reprodutivas, das formas de ligação à terra e dos hábitos do coração (GRIFOU-SE) (HARVEY, 2005, p.13).

No caso norte americano, um memorando confidencial enviado por Lewis Powell à Câmara de Comércio dos EUA, em 1971 evidencia a tentativa de buscar-se combater a oposição ao livre mercado.

A seu ver, a ação individual não era suficiente. “A força”, escreveu ele, “reside na organização, no planejamento e na implementação meticolosos, de longo prazo, na coerência da ação durante um período indefinido de anos, na escala de financiamento que só se obtém por meio de esforços e no poder político que se obtém por meio da ação unida e de organização de alcance nacional”. A Câmara de Comércio, disse ele, deveria lançar um ataque às principais instituições – universidades, escolas, meio de comunicação, mercado editorial e cortes de justiça – a fim de mudar a maneira como as pessoas pensam “sobre as corporações, o direito, a cultura e o indivíduo” (COURT, 2003 *apud* HARVEY, 2005, p.52-53)

O que ajudaria ao ingresso de idéias neoliberais nas universidades seria o próprio perfil dos estudantes (abastados e privilegiados), vivendo nos EUA, país onde os valores de liberdade eram celebrados como fundamentais. Assim, os defensores da proposta neoliberal conseguiram ocupar atualmente posições de considerável influência no campo da ciência (as universidades)<sup>2</sup>.

Para Santos (2004), a interferência do Banco Central nas universidades foi problemática.

A posição do banco mundial na área da educação é talvez das mais ideológicas que este tem assumido na última década [...] porque, tratando-se de uma área onde ainda dominam interações não mercantis, a investida não pode basear-se em mera linguagem técnica, como a que impõe o ajuste estrutural. A inculcação ideológica serve-se análise sistematicamente enviesadas contra a educação pública, [...] sua conversão em mercadoria educacional decorre da dupla constatação da superioridade do capitalismo, enquanto organizador das relações sociais, [...] (SANTOS, 2004, p. 30).

## **Sobre a neutralidade da ciência**

---

<sup>2</sup> Harvey cita também “nos meios de comunicação, em conselhos de administração de corporações e instituições financeiras, em instituições internacionais como o Fundo Monetário Nacional, o Banco Mundial e a Organização Mundial de Comércio, que regulam finanças e o comércio mundial.”

Santos (2004) afirma que a ciência, e em particular, as ciências sociais, assumiu a posição de condição legitimadora da ideologia.

Acredita-se que uma das causas foi analisada por Gramsci. Segundo o autor, sendo todos os sujeitos pertencentes a algum grupo, com elementos sociais compartilhados, estes também compartilham uma “concepção de mundo” parecida. Neste sentido, se temos uma universidade formada por indivíduos saídos de classes sociais abastadas, conforme Harvey afirma, teremos uma visão de mundo muito parecida dentro das Universidades.

Isto afetaria a produção de uma análise imparcial sobre quaisquer medidas de cunha político, cultural ou ideológico no contexto do neoliberalismo.

Mas no que tange ao papel do cientista na produção do conhecimento, a busca de uma concepção de mundo que não seja ideológica, e que busque decifrar criticamente a realidade tem-se em Gramsci (1999) um referencial necessário.

Segundo ele, o cientista deve ter consciência do que a sua concepção de mundo é fruto do processo histórico até hoje desenvolvido. Havendo uma crítica coerente da concepção de mundo, tornando-a unitária e elevando-a até o ponto atingido pelo pensamento mundial mais evoluído, será possível

(...) elaborar a própria concepção de mundo de uma maneira consciente e crítica e, portanto, em ligação com este trabalho do próprio cérebro, escolher a própria esfera de atividade, participar ativamente na produção da história do mundo, ser guia de sim mesmo e não mais aceitar do exterior, passiva e servilmente, a marca da própria personalidade. (GRAMSCI, 1999, p. 90)

Tendo em vista que o processo ideológico pelo qual o neoliberalismo impetrou sua dominação em todas as camadas da sociedade buscou através de práticas reiteradas ao longo do tempo atingir um estágio de convencimento que se consubstanciou no senso comum, os indivíduos passaram a não questionar tal dominação. A partir desta ideologia um conjunto de idéias passou a ser defendida amplamente na sociedade, dentre elas a liberdade, o direito a identidade e o livre consumo. Assim, aspectos culturais (sociedade de consumo e multiculturalismo) encobrem medidas políticas e econômicas que acabam não gerando conflitos.

Se levar-se em consideração que a ideologia unifica o bloco social no qual também está inserido, pode-se afirmar que o cientista está, a todo o momento, confrontando a ideologia dominante na qual ele mesmo foi socializado.

Gramsci afirma que as questões políticas quando disfarçadas de questões culturais tornam-se insolúveis. É imperativo buscar extrair significados políticos do seu impenetrável revestimento cultural.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS.**

Para Ferroni, Gramsci pode ser

“um grande modelo não para a aplicação literal de suas análises [...], mas para a definição cada vez mais necessária daquilo que os intelectuais são hoje, daquilo que eles se tornaram, daquilo que eles ainda podem fazer.”

Para o autor a reflexão de Gramsci sobre os intelectuais, sua história e sua função, constituiu por muito tempo um dos pontos de referência centrais do debate cultural italiano. A pesquisa sobre os intelectuais

“permite esclarecer as situações concretas da história da cultura, reconstruir de maneira nova o sentido de muitas escolhas e de muitos conflitos, relacionando toda forma textual a projetos de consciência de si, a instâncias contraditórias de classes e grupos sociais, numa representação variada de relacionamentos com o mundo”.

Ferroni afirma que é urgente voltar a Gramsci e debruçar-se sobre o modelo de análise gramsciana a fim de extrair dele instrumentos de análise para uma pesquisa e uma reflexão sobre as várias mudanças pelas quais passaram os intelectuais ao longo do século XX. Principalmente no atual momento, onde o modelo neoliberal alcançou uma dominação ideológica tão intensa. Pois, nas palavras de Anderson: “Provavelmente nenhuma sabedoria convencional conseguiu um predomínio tão abrangente desde o início do século como o neoliberal hoje. Este fenômeno chama-se hegemonia” (ANDERSON, 1995).

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ANDERSON, Perry. Balanço do neoliberalismo. In: SADER, Emir e GENTILI, Pablo (orgs.). Pós-neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995, pp. 09-23.

FERRONI, Giulio. Gramsci e os modelos intelectuais no século XX. Março 2007.

Disponível em [www.gramsci.org](http://www.gramsci.org).

- GRAMSCI, Antonio. Cadernos do cárcere. Volume 1. Rio de Janeiro: civilização brasileira, 1999.
- HARVEY, David. O neoliberalismo. Historias e implicações. São Paulo: edições Loyola, 2005.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade. Petrópolis. Editora Vozes: 2000.
- SANTOS, Boaventura de Souza Santos. A universidade no século XXI. Para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade. São Paulo: Cortez, 2004.